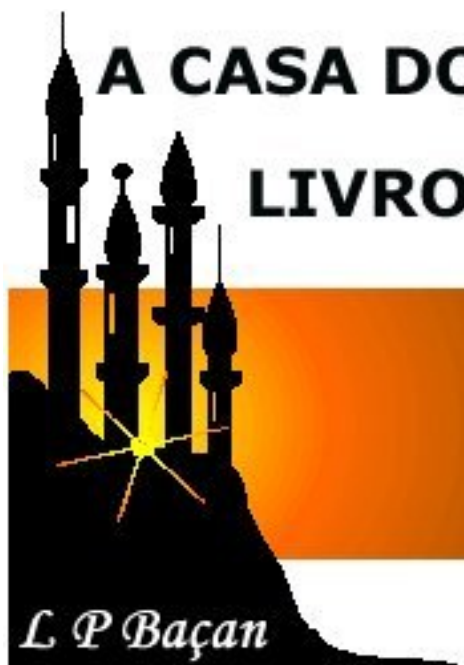


A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS



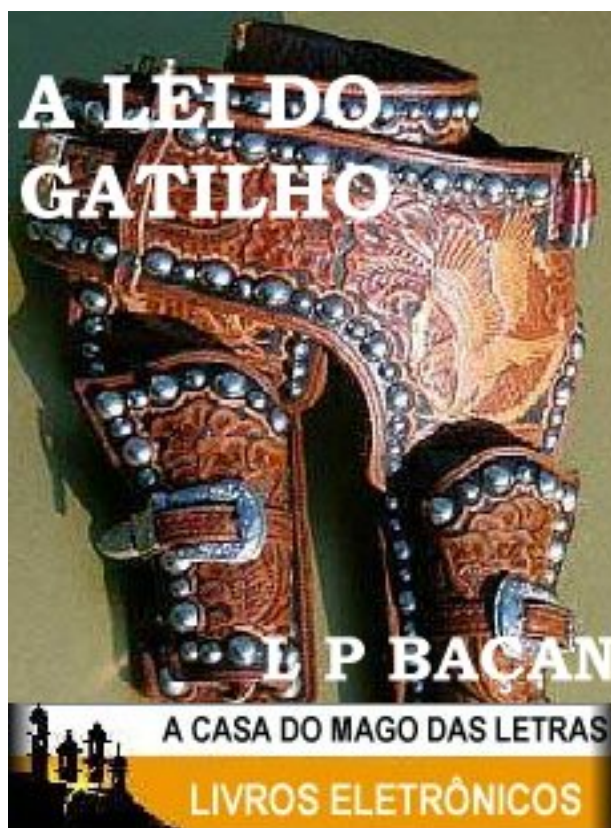
www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.





Todos os olhares acompanhavam a aproximação da diligência, quando ela dobrava a Colina Bootrock e vinha, levantando poeira. Naqueles momentos, a calma da pacata cidadezinha era quebrada, pois a chegada da diligência podia significar a esperança de chegada de alguma novidade.

Normalmente trazia a mala do correio, passageiros ou transportava, em segredo, dinheiro para o banco local. Como das outras vezes, as pessoas saíram às janelas e portas, observado a chegada do veículo.

Quando a nuvem de poeira se dissipou, o Xerife Coomb se aproximou da diligência, que cruzara a rua e parara diante do escritório da Companhia Wells Fargo.

— Tudo bem na viagem, Pike? — indagou ao cocheiro que prendia a trava do freio.

Pike cuspiu um resto de fumo de mascar sobre a poeira da rua, antes de responder com sua voz pastosa e enrolada, com um forte sotaque sulista.

— Tudo bem, xerife. Apenas coiotes e abutres durante toda a viagem.

O xerife apoiou-se à porta do escritório, na sombra.

— Passageiros? — indagou.

— Só dois.

— Gente honesta ou jogadores?

— Veja por si mesmo.

Em resposta, dois homens desciam do veículo naquele momento. Um deles, todo encasacado, abanava-se numa nuvem de poeira.

O outro, vestindo paletó, mas sem muita ostentação, mas com roupas caras e sem armas, olhava ao redor, como se procurasse por alguma coisa.

Ao ver o homem com a estrela, aproximou-se e conferiu para ver com quem falava.

— É o xerife daqui? — quis saber.

Coomb apontou para a estrela.

— Sim, sou o Xerife Coomb. O que posso fazer para ajudá-lo, cavalheiro?

— Eu sou Burt Franklin e este é meu amigo, Donald Foubert — respondeu o outro, com ar de quem tinha algo interessante a tratar. — Temos algo que gostaríamos de conversar, mas apreciaríamos se fosse num local mais reservado...

— Talvez seja melhor irmos até o meu escritório então — propôs o homem da lei.

Um grupo de curiosos já começava a se formar ao redor dos forasteiros.

Caminharam pela rua principal de Green Valley, até a cadeia. O xerife entrou, atirou seu chapéu no cabide e foi se sentar atrás de sua escrivaninha.

Apontou duas cadeiras aos recém-chegados, que trataram de se sentar.

— E então, o que desejam?

— Procuramos um homem...

— Quem é ele?

— Conhece este aqui, xerife? — indagou Franklin, retirando um cartaz do bolso de seu colete de couro.

O xerife apanhou-o e examinou-o, com visível desagrado. Era um cartaz de procura-se, oferecendo uma recompensa pela cabeça de um homem chamado James John.

O xerife conhecia James John. Havia chegado à cidade umas duas semanas atrás. Pelo que sabia, James vinha trabalhando como xerife de cidades com problemas.

Havia limpado algumas delas com sucesso. Após devolver a lei e a ordem a elas, seus serviços eram dispensados. Para um homem como ele, que tinha somente as armas como referência, era difícil se manter por muito tempo num lugar só.

Examinou melhor os dois homens a sua frente. Julgou, a princípio, estar às voltas com

alguma espécie de caçadores de recompensas.

Apesar de elogiar o que eles faziam, sempre tivera uma aversão por aquele tipo de trabalho e por homens que viviam da morte alheia, como verdadeiros abutres.

Aqueles dois, no entanto, examinando melhor, não se pareciam com caçadores de recompensas. Não usando aquelas roupas e sem carregar nenhum tipo de arma.

Isso o deixou curioso.

— São caçadores de recompensas? — indagou, devolvendo o cartaz.

Seu tom de voz quase agressivo demonstrava seu estado de ânimo e seu conceito a respeito do assunto.

— Não, de modo algum, xerife! Longe de nós esse tipo de profissão. Sou rancheiro e Foubert é banqueiro e também prefeito de Goldrock.

— E o que procuram com James John? De acordo com esse cartaz ele é procurado vivo ou morto no seu Estado...

— Sim, em nosso Estado. Viemos aqui buscá-lo. O Conselho de Cidadãos de Goldrock pôs os detetives da Pinkerton atrás dele por todo o Oeste. Já estávamos desistindo, quando recebemos a informação de que ele estava por aqui — falou Franklin.

— Bom, isso é com vocês, senhores. Não tenho motivos para impedi-los de falar com ele. Saibam que até agora ele tem se comportado.

— Só queríamos que nos confirmasse que ele se encontra aqui, xerife — insistiu Foubert.

— Por quê?

— Temos uma proposta para ele.

— Trabalho? — surpreendeu-se o xerife. — Querem levar de volta um homem procurado em seu Estado para oferecer-lhe trabalho?

— Sim, trabalho.

— Que espécie de trabalho?

— O trabalho que um homem como ele sabe fazer: limpeza.

— Entendi... — afirmou o xerife.

— Depois explicaremos com mais detalhes, xerife. Pode nos indicar onde o encontraremos? Temos urgência em falar com ele. Pretendemos aproveitar a volta da diligência, hoje à tarde para retornarmos para nossa cidade.

O xerife se voltou para seu auxiliar que, parado junto ao fogão, vigiando o bule de café, acompanhara toda a conversa com muito interesse.

— Amos, onde está aquele forasteiro, o tal James John? — perguntou o xerife a ele.

— Deve estar no saloon, xerife. Não sai de lá...

— Isso responde à sua pergunta, Sr. Foubert. Podemos ir até lá agora mesmo — afirmou o homem da lei, apanhando seu chapéu e indo esperar os dois na porta.



James John olhou de soslaio para o jogador à esquerda, no momento em que este distribuía as cartas. Pôde perceber claramente quando ele retirou cartas de baixo para passar ao outro jogador a sua frente.

Examinou o ambiente. Jogava contra outros três homens e suspeitara que estavam trapaceando. Acompanhara atentamente naquela mão e tivera certeza disso.

Apesar de estar ganhando, sabia que aquilo era uma estratégia dos trapaceiros. Quando eles comessem a ganhar, James ficaria limpo.

Disfarçadamente levou a mão ao coldre, sacou seu revólver e enfiou-o nas costelas do carteador, que endireitou o corpo de susto.

— O que é isso? — protestou, empalidecendo.

— Não acha que deveríamos anular esta cartada? Que tal dar cartas novamente?

— Por quê? — quis saber o homem para quem o carteador havia entregue as cartas de baixo do baralho.

— Porque vocês estão trapaceando e eu não gosto nem um pouco disso — falou James, tranqüila, mas ameaçadoramente.

Os dois homens se puseram se puseram em pé, ofendidos. Os olhos dos freqüentadores se voltaram para aquela mesa.

Havia tensão e expectativa no ar.

— Você está nos acusando de trapacear nas cartas, forasteiro? — indagou um deles, alto o bastante para que todos no saloon ouvissem.

— Estou — afirmou James, com firmeza.

— Isso é algo muito grave — continuou o outro jogador, sem haver notado que James tinha sua arma enfiada nas costelas do terceiro homem, que não se levantara da mesa ainda.

— Jack... Ele tem uma arma enterrada em minhas costelas — disse, num fio de voz, pálido e trêmulo.

Jack olhou diretamente para os olhos frios e azuis de James e, num movimento repentino, virou a mesa. James jogou-se para trás, enquanto disparava a arma por três vezes.

Foi tão rápido nisso que os tiros soaram como um só. Quando a fumaça se dissipou, havia três corpos esvaindo-se em sangue.

Jack levava um tiro no peito. Seu parceiro, que estava em pé ao seu lado, levava outro, na boca. O último deles, o carteador, tinha as costelas arrebetadas por um tiro à queima-roupa.

James levantou-se, guardando a arma no coldre.

— Cuidado! Atrás de você! — gritou uma das garotas do saloon, em algum lugar a sua frente.

Ele se voltou rapidamente, percebendo os movimentos de um pistoleiro sacando a arma. Sem vacilar, despejou chumbo quente naquela direção.

Um certo balaço atingiu o peito do outro, jogando-o para trás, contra a parede, ainda conseguindo disparar seu revólver uma vez.

James recuou alguns passos, após sentir algo quente batendo com força em seu ombro. Levou a mão ao local e percebeu o sangue escorrendo.

— Maldição — murmurou ele, caminhando até o balcão.

Apanhou uma garrafa de uísque, arrancou a rolha com os dentes, cuspiendo-a para o lado. Tomou um gole. Depois derramou um pouco no ferimento, fazendo uma careta de dor.

A garota que o havia alertado se aproximou.

— Deixe-me cuidar disso — pediu ela, gentilmente, examinando o local ferido.

— Obrigado, querida! Salvou minha vida.

— Detesto ver um homem ser morto pelas costas.

— Eu também, principalmente quando esse homem sou eu...

— Seria bom fazer um curativo aqui. Tenho o necessário em meu quarto. Por que não vamos até lá agora mesmo? — indagou ele, solícita.

— Obrigado! Você está sendo muito gentil — disse ele, esboçando um sorriso e cambaleando.

Percebeu, no espelho, que alguém se aproximava por trás dele. Pensou em se voltar, mas seu corpo não o obedeceu.

No momento seguinte viu a coronha de um Colt descendo na direção de sua cabeça. Algo estalou e foi como se o mundo tivesse desabado sobre ele.



Acordou algum tempo depois, atordoado ainda. O xerife o olhava com reprovação. O médico acabara de lhe extrair a bala e feito um curativo no local.

— Vai ter que usar uma tipóia e manter esse braço imobilizado por algum tempo.

Felizmente a bala não pegou nenhum osso, músculo ou nervo, mas é bom não fazer esforço com ele — recomendou o doutor.

— Tentarei, doutor — falou ele, sentando-se no catre da cela.

— Não tente apenas. Faça o que eu lhe disse — frisou.

— Que diabos aconteceu, afinal? — indagou James, olhando para o xerife, enquanto passava a mão na cabeça e percebia ali um galo enorme.

— Eu bati em sua cabeça com a coronha do meu Colt — informou o xerife.

— Por quê fez isso?

— Para acalmá-lo.

— Eu estava ferido, não podia fazer nada...

— Eu não sabia disso. De qualquer modo, funcionou como uma anestesia, enquanto o médico escavava seu ombro.

— Vai me dizer que ainda terei que agradecê-lo pela pancada...

— Esqueça... Agora prepare-se, você tem visitas.

— Visitas? Eu? Quem? — surpreendeu-se o pistoleiro.

— Dois senhores querem vê-lo. Vou chamá-los.

O xerife acompanhou o médico até o escritório, de onde retornou em seguida com os dois recém-chegados à cidade.

— Esses dois? — surpreendeu-se James.

— Sim, estão ansiosos para falar com você...

— E quem disse que quero falar com eles? — protestou.

— Não pretendemos forçá-lo a nada, James — disse Foubert. — Na realidade, temos uma proposta para você.

— Sim, uma proposta muito interessante — acrescentou Franklin.

— Não temos nada a conversar — respondeu James, deitando-se sobre a cama. — Quem são vocês?

A cabeça doía, o ombro doía e a presença daqueles dois significava encrenca.

— Somos de Goldrock e temos algo muito vantajoso para você, James — insistiu Foubert.

— A última coisa vantajosa que vocês me deram naquela cidade um julgamento rápido e a sentença de enforcamento. Se eu não fosse esperto e tivesse conseguido fugir, teria dançado a última melodia na ponta da corda...

— Aquilo tudo já passou. Você não gostaria de voltar a Goldrock e dar a volta por cima?

— Como assim? Querem que eu volte para ser enforcado numa corda de seda ou algo assim? Não, obrigado! Não voltarei para lá para ser morto.

— Não estamos pedindo que volte para ser enforcado.

— Para que, então?

— Para ser nosso xerife?

James olhou-os surpreso e depois explodiu numa gargalhada.

— Eu? Xerife de Goldrock? Que coisa mais absurda, senhores. Tem certeza que não tomaram muito sol na viagem e estão confundindo as coisas?

— Falamos sério — emendou Foubert. — Descobriram ouro em Goldrock, finalmente. Sabia disso já?

— Ouro! — exclamou James, com os olhos brilhando de cobiça e surpresa.

— Sim, ouro, James. Muito ouro.

— E onde eu entro nisso?

— Muitos bandidos têm chegado à cidade, tem havido muitos assaltos, mortes e estupros. As carroças que transportam o minério não conseguem chegar ao seu destino. O pagamento dos mineiros é roubado e eles são lesados de todas as formas por espertalhões. O banco já foi

assaltado uma vez. A situação exige um homem hábil e durão... Por isso nós o queremos.

— Querem que eu aceite ser xerife dessa cidade? Não, obrigado! Não estou vendo nenhuma vantagem nisso.

— Talvez pense melhor ao ler isto — disse-lhe o banqueiro e prefeito, estendendo-lhe uma folha de papel.

— O que é? — perguntou James, intrigado.

— É um perdão. O próprio Governador assinou sua anistia, livrando-o da acusação.

— Quer dizer que não serem mais procurado?

— Se aceitar o cargo...

— Não terá que se preocupar mais com os caçadores de recompensas... — ajuntou Franklin.

O pistoleiro sentou-se no catre. Olhou os dois homens.

— Não, algo não me cheira bem nisso tudo. Prefiro estar vivo e caçado do que ser livre e morto. Vocês querem que eu limpe a cidade, mas isso me parece mais com servir de alvo para os bandidos, não é?

— Nada disso, James. Queremos que limpe a cidade e só você poderá fazê-lo.

— Como podem confiar em meu trabalho...

— Nós o vimos lá no saloon. Ainda é o mais rápido de todos.

— Isso num duelo frente a frente. Quando lidar com bandidos de verdade não será assim. Tanto poderei ser atingido pela frente como pelas costas... Além disso, já não tenho mais vinte anos. Quinze anos é muito tempo...

— Recebemos informações sobre seus feitos, James. Sabemos que foi xerife de algumas cidades e impôs a ordem e a lei...

— Trabalhei tão bem que acabei desempregado... Agora chega.

— Não ouviu toda a nossa proposta ainda — cortou-o Foubert.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

